

## **Falando de pedagogos e professores no contexto da educação inclusiva a partir do cotidiano escolar**

VIEIRA, Alexandro Braga<sup>1</sup>  
[allexbraga@hotmail.com](mailto:allexbraga@hotmail.com)  
CE/UFES

PATTUZZU, Karolini Galimberti Pattuzzu<sup>2</sup>  
[karolinipattuzzo@hotmail.com](mailto:karolinipattuzzo@hotmail.com)  
PPGE/UFES

### **Resumo**

O texto problematiza as relações estabelecidas entre pedagogos e professores no planejamento da ação educativa no contexto da Educação Inclusiva. Para tanto, busca inspiração nas teorizações de Freire (1996) e Meirieu (2002) para pensar o pedagogo como um profissional que atua de forma colaborativa com os professores visando a garantia do direito à Educação aos estudantes que apresentam deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Nesse sentido, o artigo busca sustentação em um estudo desenvolvido em uma escola de Ensino Fundamental e Médio do Estado do Espírito Santo com matrícula de alunos com deficiência intelectual que possibilitou a constituição de uma rede de conhecimentos para refletirmos sobre a importância da articulação entre pedagogos e professores no trabalho pedagógico desenvolvido com esses estudantes. Os resultados apontam a relevância do planejamento escolar, da colaboração entre pedagogos e professores e da implicação de todos os profissionais da escola na garantia do direito à Educação para todos os alunos.

**Palavras-chave:** Pedagogos. Professores. Ensino-aprendizagem.

---

<sup>1</sup> Professor do Centro de Educação – UFES; Pós-doutorando em Educação PPGE- UFES.

<sup>2</sup> Mestranda em Educação – PPGE – UFES.

## **Introdução**

A Educação é um tema complexo e abrangente, pois envolve trabalhar com as subjetividades humanas, o coletivo escolar, o planejamento educacional, o currículo, as práticas pedagógicas, a partilha de conhecimentos, a formação em contexto, enfim, uma gama de ações que visam à escolarização de todos os alunos.

Na atualidade, um forte movimento é constituído em favor do direito à Educação, nos fazendo viver em um momento histórico em que os sistemas de ensino são convocados a implementarem políticas educacionais comprometidas com a aprendizagem, garantindo, para tanto, condições de trabalho para os professores, valorização do magistério, possibilidades de envolvimento dos alunos nos currículos escolares e a assunção da escola como espaço de formação humana.

Os ideais que fundamentam essa perspectiva de Educação evidenciam a necessidade de a escola não esperar que mudanças sejam produzidas nos alunos para trazê-los para os ambientes escolares – como propunha o movimento de integração escolar – mas que cada unidade de ensino se reorganize pedagógica, financeira e estruturalmente para garantir aprendizagem aos estudantes nas ações planejadas e desenvolvidas pelos professores.

O direito à Educação tem evidenciado a importância de a escola replanejar sua ação educativa, pois em sala de aula encontramos estudantes com diferentes trajetórias de escolarização, com plurais estilos de formação e atravessados por questões sociais, familiares, econômicas e cognitivas, nada homogêneos. Desta forma, trabalhar com as diferenças sem transformá-las em desigualdades de acesso ao conhecimento faz reacender a relevância do planejamento da ação educativa.

Assim, destacaremos, neste texto, a importância da articulação das ações dos pedagogos e dos professores na implementação das ações pedagógicas, tendo em vista a necessidade de ampliar a participação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação nos currículos escolares para que possam ter o direito de aprender, de pesquisar e de divulgar o pensamento, conforme prescreve a Constituição Federativa do Brasil de 1988.

## **Reflexões sobre os movimentos dos pedagogos no ambiente escolar**

Meirieu (2005) diz que a inclusão escolar é um movimento que reconhece a diferença como o vetor do desenvolvimento do conhecimento e da pluralidade humana, nos desafiando a pensar em uma escola que tenha o compromisso de garantir que o direito à Educação seja usufruído por todos.

Nesse contexto, percebemos a importância de assumirmos os profissionais que coordenam as questões pedagógicas como sujeitos de conhecimento e que articulam ações de forma a envolver a comunidade escolar em favor de um projeto de educação comprometido com a constituição de um conhecimento prudente para uma vida decente (SANTOS, 2006). Para pensarmos nesta perspectiva de profissional vale a pena recorrer às teorizações de Freire (2002), por ser um dos autores que se preocupou em discutir a formação e as atribuições do pedagogo escolar, na década de 1980, já que, nesse período, iniciaram-se os debates sobre como a formação do pedagogo, sendo problematizada a constituição de um profissional como um sujeito fragmentado.

Freire (2002) questiona o fazer desse profissional, dizendo que sua atribuição não se resume a um trabalho técnico e burocrático. A atuação do pedagogo não pode estar desvinculada de uma perspectiva de educador, caso contrário, seria uma figura estranha no processo educativo.

O [...] [pedagogo] é um educador e, se ele é um educador, ele não escapa na sua prática a esta natureza epistemológica da educação. Tem a ver com o conhecimento, com a teoria do conhecimento.[...] O que se pode perguntar é: *qual é o objeto de conhecimento que interessa diretamente ao trabalho do supervisor?* [...] é o próprio ato de conhecimento que está dando na relação educador/educando (FREIRE, 2002, p. 95).

Na mesma perspectiva, Meirieu (2002), corrobora a discussão apontada por Freire (2002), ao definir o pedagogo<sup>3</sup> e seus saberes-fazer. No livro *Pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar*, o autor defende a ideia de que o pedagogo é aquele que busca diálogos entre a teoria e prática, faz da pesquisa o alicerce de seu fazer pedagógico e aposta na educabilidade humana, por isso trabalha com uma obstinação didática para envolver todos os alunos nas tramas do conhecimento. Segundo Meirieu (2002, p. 90-91) o pedagogo

[...] poderia ser definido como aquele que “trabalha o saber que ensina” [...] estar atento à especificidade epistemológica daquilo que se é incumbido de ensinar a alunos de um determinado nível escolar [...] é compreender também os princípios organizadores da disciplina considerada em função dos imperativos do programa [...] é igualmente identificar os objetivos-núcleos em sua especificidade e em sua complexidade [...]. Poderíamos mostrar até que ponto os saberes acadêmicos universitários que o professor leva para a classe, que ele domina relativamente bem, devem ser questionados, trabalhados, retomados, explicitados, permanentemente reelaborados com os alunos aos quais se destinam.

Desta forma, compreendemos que a atuação do pedagogo perpassa por todas as esferas escolares, pois seu agir não pode estar desvinculado da busca por conhecimentos didáticos que fortaleçam a atuação dos professores, pois é preciso considerar “[...] que cada aluno aprende de uma maneira que lhe é própria e que todos na sala de aula devem atingir os mesmos objetivos” (MEIRIEU, 2002, p. 31), demandando investimentos no planejamento e na formação continuada em contexto.

Sendo assim, para o trabalho do pedagogo se efetivar é importante a colaboração dos professores e a assunção da ideia de que o planejamento é uma estratégia que perpassa as atribuições de todos os profissionais da escola, principalmente por ser o principal instrumento do agir pedagógico no contexto educacional.

Planejar a prática significa ter uma ideia clara dos objetivos que queremos alcançar com ela. Significa ter um conhecimento das condições em que vamos atuar, dos instrumentos e dos meios de que dispomos. Planejar a

---

<sup>3</sup>Importante ressaltar que o termo pedagogo utilizado por Meirieu (2002, 2005), refere-se ao professor-pesquisador. É um profissional que busca refletir sobre sua prática, problematizar o seu fazer, considerando, o aluno, como centro do processo ensino-aprendizagem.

prática significa também saber com quem contamos para executá-la. Planejar significa prever os prazos, os diferentes momentos da ação que deve estar sempre sendo avaliada. Podemos planejar a curto prazo, a médio prazo e a longo prazo (FREIRE, 1995, p. 84).

Para Meirieu (2005), o planejamento pedagógico é a essência do trabalho do pedagogo e dos demais profissionais da Educação, demandando reflexão, ação, pesquisa, estudo e a articulação de ideias. É justamente a reflexão crítica da Educação e o planejamento de novas possibilidades de educar na diferença que podem nos ajudar a fugir do que Freire (2002a) denomina por *Educação Bancária*, ou seja, a crença de que é possível depositar conhecimentos nos alunos por serem subjetivados como receptores/depositários do saber imposto pelo professor.

Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...] Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber (FREIRE, 2002a, p. 58).

Em contraposição a esta prática educativa, buscamos por uma prática pedagógica que dê primazia ao saber partilhado. Para isso, precisamos refletir que “[...] só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2002a, p. 58).

É a busca por esta prática criativa que leva o pedagogo, juntamente com os professores, a submeter seu trabalho a uma prática que está sempre se reinventando para garantir que os alunos conquistem a aprendizagem. Isso demanda a (re)formulação de ações que visam a assegurar o acesso ao conhecimento que se pretende construir no coletivo da escola. Esta conduta irá propiciar o que Vieira (2012) denomina de “atitude ética”, ou seja, uma relação crítica com a Educação capaz de levar o educador a se livrar dos preconceitos que buscam convencê-lo de que não é possível vivenciar experiências de aprendizagem com sucesso com os todos os alunos nos cotidianos escolares.

Neste sentido, o pedagogo, enquanto articulador das ações educativas, demanda desenvolver um processo permanente de debate coletivo, um engajamento na relação teoria e prática e a busca pela recriação e reinvenção da prática educacional. Sendo assim, uma de suas tarefas é “[...], através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos [...]” (FREIRE, 2006, p. 11).

Para a assunção da Educação como um processo comprometido com o desenvolvimento humano, Meirieu (2002) defende a necessidade de os profissionais constituírem seus saberes-fazerem pautados no que chama de “solicitude”. É uma ação ética que desperta um sentimento de compromisso com a formação daqueles que estão ao nosso redor. É uma atitude do professor diante da escolarização dos alunos, tão necessária para pensarmos a Educação nos dias atuais, já que a exclusão e o fracasso escolar parecem ser fenômenos naturalizados.

A ‘solicitude’ é, ao mesmo tempo, a preocupação com sua parte de responsabilidade no destino do outro e o estímulo para que **ele também tome parte de seu destino**. É o fato de ser ‘tocado’, afetado pelo outro, tomado de compaixão em relação a ele e de querer, simultaneamente, interpelá-lo para que **ele próprio se conduza...**” (MEIRIEU, 2002, p. 70, grifos nossos).

A restauração do vínculo social entre o aluno e a sociedade se mostra um dos desafios a serem enfrentados pela escola, demandando que o pedagogo seja assumido como um profissional que, cotidianamente, se forma em processo e busca subsídios teóricos e práticos para ajudar aos professores a garantir que as novas gerações se apropriem dos conhecimentos acumulados, deixando outros saberes para as gerações futuras.

### **Metodologia adotada para desenvolvimento do estudo**

O estudo foi realizado no cotidiano de uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio do Estado do Espírito Santo. Desenvolveu-se por meio de três momentos: a) registros

dos espaços de formação organizados pela Secretaria de Educação para os pedagogos que atuam na rede; b) momentos de planejamento entre professores e pedagogos promovidos na própria escola; c) questionário com questões abertas sobre o trabalho dos pedagogos e dos professores no contexto da educação inclusiva.

Os momentos de formação dos pedagogos eram mensais e se desenvolveram no ano de 2013. Os espaços de planejamento foram organizados pelo pedagogo, estando envolvidos 15 (quinze) profissionais da Educação. Os planejamentos eram semanais e as formações da escola eram agendadas pela Secretaria de Educação no calendário escolar. Alguns profissionais são pertencentes ao quadro estatutário e outros são contratados em regimes de designação temporária. O tempo de serviço é bem diversificado, tendo a maioria em torno de cinco a dez anos de carreira.

### **Os dados da investigação: colocando em debate a relação entre professores e pedagogos na escola**

Para iniciarmos as reflexões sobre a relação entre pedagogos e professores no trabalho pedagógico direcionado à inclusão de estudantes com indicativos à Educação Especial, trataremos alguns episódios vividos nos momentos de formação e as questões respondidas pelos professores nos questionários para fundamentar nossas discussões.

O *primeiro episódio* nos ajuda a pensar na *importância do investimento na formação continuada dos pedagogos e na necessidade desse profissional assumir a coordenação do trabalho pedagógico no ambiente escolar*.

Hoje tivemos uma reunião com o pessoal da Superintendência para discutirmos a atuação do pedagogo na escola. Muito interessante a preocupação com a formação continuada dos pedagogos. Que bom que alguém se preocupa com isso. Na formação tivemos várias ideias, conversamos com vários teóricos e colocamos a cabeça para pensar. Sai de lá com uma ideia. Farei um cronograma de planejamento entre professores e pedagogos. Não posso sufocar os professores. Eles precisam também ter autonomia para planejar sozinhos. Então pensei: temos quatro semanas no mês. Na primeira semana planejamos juntos. Na segunda, eles trabalham a partir do que planejamos. Na terceira, voltamos a sentar. Na quarta, eles sozinhos, trabalham,

novamente. Será uma tentativa. Se não der certo, replanejamos a estratégia. Outro ponto positivo foi a discussão sobre a Educação Especial. Sentimos falta desses debates na nossa formação. (PEDAGOGO ESCOLAR).

Um primeiro ponto a ser destacado é a necessidade de investimentos na formação dos pedagogos. Defendemos propostas de formação que assumam esses profissionais como sujeitos de conhecimentos. Muitas perspectivas de formação se resumem no repasse de informações, cobranças e relatos de experiências sem uma correlação mais pontual com as questões vividas na escola.

Espera-se que o pedagogo seja o profissional que organiza a formação continuada na escola. No entanto, temos que refletir: e quem forma o formador? A adoção de momentos que coloquem os pedagogos em momentos de estudo e reflexão crítica sobre as questões educacionais se configura em uma rica oportunidade de aprofundamento teórico-prático e a constituição de novas possibilidades de organização do trabalho pedagógico.

Na experiência relatada pela pedagoga foi possível dialogar com vários aportes teóricos que fundamentavam o processo de escolarização dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. Os pedagogos também tiveram a oportunidade de entender os encaminhamentos dados pela legislação educacional articulando seus pressupostos às questões vividas na escola.

[...] É muito importante esses momentos de reflexão para os pedagogos. Muitas vezes, nós organizamos a formação na escola, mas não temos alguém que se preocupa com a nossa formação. Entender as ideias que fundamentam a inclusão dos alunos especiais na escola é importante. Conhecer a legislação para mim foi fundamental. Agora, tenho mais suporte para conversar sobre essas questões com os professores lá da escola (PEDAGOGA).

A nosso ver, há de se garantir, nas propostas de formação docente, o fortalecimento e a propagação da relação existente entre o conhecimento e o desenvolvimento humano e a valorização e o respeito aos ritmos diferenciados de aprendizagem dos alunos. Além disso, é fundamental possibilitar reflexões sobre o fato de as pessoas terem trajetórias diferenciadas de existência e que o acesso ao conhecimento se dará em diálogo com esse contexto.

Com os investimentos na formação dos pedagogos esses sujeitos poderão traduzir conhecimentos, experiências e práticas visando à escolarização dos alunos, pois, como alerta Santos (2006, p. 49), “[...] muitas vezes precisamos migrar de um campo a outro, de um estrato a outro, de uma linguagem a outra [...]. Temos ainda de buscar conceitos que venham de outros conhecimentos”.

Um segundo destaque, é a organização do planejamento na escola. É importante pensar em momentos para os pedagogos se encontrarem com os professores para dialogar com teóricos que discutem os fundamentos da Educação, bem como para refletirem sobre a ação educativa, sobre as atividades desenvolvidas e a articulação dos saberes explorados pelas disciplinas que compõem os currículos escolares. Nos espaços de planejamento os professores podem trocar informações sobre os alunos, organizarem atividades e proporem projetos de forma a contemplar as necessidades de aprendizagem dos alunos que apresentam algum tipo de deficiência e que demandam de apoios mais específicos.

Eu não tinha pensado em uma maneira de trabalhar com aquela aluna que tem deficiência mental. Ela não sabe escrever, mas entende muita coisa que eu ensino. Então, com nossas discussões, passei a explorar mais as questões verbais. Minha avaliação com ela é verbal. Encontrei ai uma possibilidade (PROFESSOR DE PORTUGUÊS).

Nesse sentido, é importante que o pedagogo sistematize suas ações que envolvem o planejamento, a formação em contexto, o acompanhamento à aprendizagem, a articulação dos recursos existentes, dentre outros. Esse movimento pode trazer rebatimentos para as atividades dos professores, pois nos questionários os docentes sinalizaram a importância do planejamento na escola.

No planejamento nós podemos trocar ideias e ter uma leitura mais ampla dos alunos e da turma. Vejo que algumas dificuldades não aparecem só na minha disciplina. Vejo que posso compartilhar os movimentos interessantes da turma com os outros colegas. Esse cronograma de planejamento tem nos ajudado a pensar a prática pedagógica (PROFESSORA DE QUÍMICA).

Com o planejamento temos a oportunidade de sentar com o pedagogo. Saio dali com meu planejamento organizado. Esse debate tem me ajudado a pensar em outras estratégias. Somos dois professores de Língua Portuguesa e com o planejamento temos buscado os pontos comuns entre as turmas. Temos feito projetos. Está sendo

muito interessante esse trabalho coletivo. Tenho encontrado pistas de como trabalhar com os alunos especiais (PROFESSORA DE PORTUGUÊS).

Libâneo (2008) sinaliza que a escola precisa ser vista como uma organização viva que também se constitui pela interação entre as pessoas. Dessa forma, o planejamento possibilita a articulação coletiva visando à oferta de ensino e aprendizagem com qualidade para os alunos. Para tanto, precisamos construir conhecimentos sobre como explorar diferentes estratégias para o aluno ser envolvido no currículo escolar, porque é por meio desse instrumento que ele tem acesso ao conhecimento elaborado, função social da escola.

O *segundo episódio* retrata a *necessidade de assumirmos o planejamento como uma ação que atravessa a atuação de todos os profissionais da escola*. O planejamento é uma ação coletiva que transversaliza tanto as ações dos pedagogos quanto dos professores. Assim, é importante pensar o pedagogo como o profissional que coordena o planejamento e a formação continuada na escola, no entanto sem constituir uma dependência dessas ações na figura desse profissional. É importante que os professores desenvolvam autonomia para planejar, estudar, organizar projetos, atividades e discussões a partir das questões vividas no cenário educacional e no cotidiano da escola.

Hoje na sala dos professores fiquei atento às conversas dos professores. Quando relatei que no transcorrer da semana, os pedagogos estariam em formação com a equipe da Secretaria de Educação, alguns professores sinalizaram: Então, não teremos planejamento? Encontrei aí, um bom motivo para organizar a próxima formação continuada na escola. O planejamento é uma ação que é de competência só do pedagogo? É uma ação que atravessa as atribuições também dos professores? É um ato solidário ou solidário? Traremos essa questão para o debate com o grupo (PEDAGOGO).

O planejamento se configura como uma ação ética dos profissionais da Educação, pois não podemos nos esquecer que os poucos espaços que temos foram adquiridos por meio de muitas lutas e reivindicações do próprio magistério. É importante pensar esses momentos como uma temática a compor a formação continuada. Precisamos aprofundar teoricamente os conhecimentos docentes sobre o planejamento em suas várias dimensões entendendo-os como uma ação compartilhada que se presentifica na ação de todos os profissionais da escola.

O debate sobre planejamento foi interessante. Não dá para ficar dependente do pedagogo. Ele precisa coordenar esse processo, mas precisamos também ter autonomia. O negócio é que nunca tivemos tempo de planejar na escola. Sempre fizemos essa atividade em casa. Estamos aprendendo. Nunca tive um pedagogo para sentar comigo. Então, é muita informação ao mesmo tempo (PROFESSORA DE PORTUGUÊS).

No planejamento temos visto o quanto temos que sair de nossos “achismos” e pensar a inclusão dos alunos especiais como um direito social. Isso para mim tem sido importante. Tem mudado meu pensamento sobre os alunos (PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

O planejamento coordenado pelo pedagogo e o desenvolvimento da autonomia docente possibilitam a organização de novas estratégias de ensino-aprendizagem. Com esse movimento, os professores podem constituir redes de trabalho envolvendo os docentes de outras disciplinas. Essas redes podem contribuir, também, para a constituição de reflexões críticas sobre os desafios educacionais para não centralizá-los nos alunos. É interessante pensar a escola como uma rede de relações complexas. Alunos, professores, gestão, coordenação pedagógica e de turnos e as normatizações se entrecruzam no ambiente escolar. Todos esses elementos implicam as ações da escola, o desempenho dos estudantes e as ações pedagógicas dos professores.

A terceira questão retratada diz respeito à **constituição de novos-outros olhares sobre o pedagogo escolar**. Se por muito tempo esse profissional assumiu a incumbência de supervisionar ou “vigiar” as ações dos professores, na atualidade, novos paradigmas acenam para o desenvolvimento de ações articuladas e colaborativas. É interessante subjetivar o pedagogo como um profissional que desenvolve sua ação *com* os professores, ou seja, como aquele que pensa junto, dá suporte, se coloca disponível para apoiar o professor nas ações coletivas da sala de aula.

Hoje realizamos o planejamento coletivo com os professores. Muita coisa interessante para registrar no diário de campo. A professora de Química me fez o seguinte relato: Estou nervosa porque nunca sentei com pedagogo para planejar. Olha que tenho um bom tempo de magistério e nunca tive essa oportunidade. Não sei o que dizer para você. Estou me sentindo travada. Como que vai funcionar o planejamento. Você diz o que a gente tem que fazer em sala de aula. É isso? Disse que não. Que iríamos pensar questões da escola. Ali não haveria imposições, mas uma troca de ideias. A professora terminou o planejamento mais tranquila. Depois de duas semanas, voltamos a planejar. Ela chegou dizendo: estou mais solta. Vi que

você não está aqui para policiar a gente. Quer fazer junto. Estou tento uma outra leitura do pedagogo na escola (PEDAGOGO).

Olhar o pedagogo como o profissional que ajuda os educadores a refletirem criticamente sobre seus saberes-fazer, engendrando contextos de aprendizagens para todos os alunos, se configura em uma possibilidade de somarmos esforços, trabalharmos de forma mais coletivas e combater sentimentos de solidão que abatem muitos professores na escola. Esse movimento pode favorecer espaços de formação continuada, uma vez que “[...] a qualificação do professor constitui uma forma de fortalecimento da qualidade do atendimento aos alunos em seu conjunto e da crença dos professores de que podem construir novas alternativas e desenvolver novas competências” (NÓVOA, apud JESUS, 2005, p. 206-207).

O pedagogo precisa ser um profissional que faz com o professor. Já convivi com muitos pedagogos que não sabiam o que tinham que fazer na escola. Viviam pedindo e distribuindo papel. Nós o chamávamos de pedagogo alface... aquele que adora dar folhas para o professor. Aqui na escola, os pedagogos buscam trazer outras experiências. Coordenam a formação, o planejamento e nos ajudam em sala de aula (PROFESSOR DE FÍSICA).

Achei muito interessante como o Conselho de Classe foi organizado. Paramos de ficar dizendo os nomes dos alunos que ficaram para a recuperação. Os dados foram coletados anteriormente e no Conselho de Classe pudemos debater os movimentos da escola. Achei legal não só focalizar os alunos. Debates a gestão da escola, o trabalho dos professores, a coordenação de turnos, o acompanhamento pedagógico, os alunos, os demais funcionários da escola, o currículo, os projetos, enfim, a escola (PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA).

Pedagogo precisa ter conhecimento, senão é engolido pelo professor. Aqui na escola temos bons pedagogos. Eles buscam trazer para a formação e para os planejamentos vários conhecimentos teóricos para pensarmos a prática pedagógica. Isso para mim faz toda a diferença (PROFESSOR DE GEOGRAFIA).

Jesus (2008) nos fala que os profissionais da educação, pela via do trabalho grupal, podem construir “[...] pistas no sentido de possíveis. [...] [pois] apontam para alguns aspectos organizacionais, curriculares, de formação, de tentativas que têm potencialidades para provocar mudanças sensíveis na escola, nas relações, nas políticas e ‘até na cultura dos professores’”.

Finalizando, a articulação das ações de pedagogos e professores se configura como possibilidades para esses profissionais “[...] percebam que possuem uma profissão

emocionalmente apaixonante, profundamente moral e intelectualmente exigente” (FULLAN; HARGREAVES, 2000, p. 12), por isso são considerados sujeitos capazes de instituir “[...] uma era em que a aprendizagem dos professores tornar-se-á completamente ligada à aprendizagem daqueles a quem ensinam” (FULLAN; HARGREAVES, 2000, p. 12).

### **Considerações finais**

O desenvolvimento de ações de colaboração, envolvendo pedagogos e professores, se configura em uma ação que se satisfeita pode apontar novas possibilidades de envolvimento dos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação nas atividades desenvolvidas pela escola. Esse envolvimento colabora com o desencadeamento de projetos, atividades diferenciadas e a constituição de novas maneiras de organizar os planejamentos, a formação continuada e os próprios conselhos de classe.

Essa articulação se configura em uma rica oportunidade de formação continuada, pois é pela via da formação entre pares, da reflexão crítica da práxis e da assunção dos desafios presentes nas questões pedagógicas que acreditamos ser possível recuperar o papel social da instituição escolar e de uma configuração profissional que entenda o ato educativo como ato político e social.

O trabalho articulado na escola possibilita momentos de encontros, diálogos, reflexões, crescimento pessoal e profissional, pois, à medida que enfrentamos e vencemos os obstáculos da vida, crescemos, amadurecemos, aprendemos a olhar o mundo com outros olhos, produzimos conhecimentos, formamo-nos continuamente.

### **Referências**

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**. 31 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

Pró-Discendente: Caderno de Prod. Acad.-Cient. Prog. Pós-Grad. Educ., Vitória-ES, v. 20, n. 1, jan./jun. 2014

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 22 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002a.

FREIRE, Paulo. Educação. Sonho Possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Educador**: vida e morte. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FULLAN, Michael; HARGREAVES, Andy. **A escola como organização aprendente**: buscando uma educação de qualidade. Tradução de Regina Garcez. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

JESUS, Denise Meyrelles de. Formação continuada: construindo um diálogo entre teoria, prática, pesquisa e educação inclusiva. In: JESUS, Denise Meyrelles de; BAPTISTA, Claudio Roberto; VICTOR, Sonia Lopes (Org.). **Pesquisa e educação especial**: mapeando produções. Vitória: EDUFES, 2005. p. 203-218.

JESUS, Denise Meyrelles de. O que nos impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativa-crítica como possibilidade de instituição de práticas mais inclusivas? In: BAPTISTA, Cláudio Roberto; CAIADO, Kátia Regina Moreno; JESUS, Denise Meyrelles de (Org.). **Educação especial**: diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Mediação, 2008. p. 139-159.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5. ed. Goiania : MF Livros, 2008.

MEIRIEU, Philippe. **A pedagogia entre o dizer e o fazer**: a coragem de recomeçar. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MEIRIEU, Philippe. **O cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Porto Alegre: Artmed. 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

VIEIRA, Alexandre Braga. **Currículo e Educação Especial**: as ações da escola a partir dos diálogos cotidianos. 2012. 326 f.: Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal. do Espírito Santo, Vitória, 2012.